
COTIDIANO, TEMPO E ESPAÇO EM "MARGEANDO O RIO" DE JIRO TANIGUCHI

EVERYDAY, TIME AND SPACE IN "MARGEANDO O RIO" BY JIRO TANIGUCHI

THIAGO HENRIQUE GONÇALVES ALVES

Universidade Federal do Ceará

Resumo: Este artigo tem por objetivo estudar as relações das categorias narrativas do tempo e do espaço relacionado ao cotidiano presente nas histórias em quadrinhos. Nosso objeto para alcançar tal objetivo é o capítulo 8 sob o título "Margeando o Rio" presente no mangá *O homem que passeia* (2017), do mangaká Jiro Taniguchi. A relação tempo, espaço e cotidiano se dá por meio do personagem principal e sua relação com a paisagem e a cidade de Tóquio. Como fundamentação teórica buscaremos o conceito de homem ordinário na obra de Certeau (2021) e do cotidiano nos quadrinhos com Schneider (2019). A relação tempo e espaço encontramos nosso suporte nos estudos de narrativa de Bakhtin (2018) com seu estudo sobre o cronotopo e Genette (2017) com seus conceitos de frequência e velocidade, e o diálogo com Groensteen (2015) e seu estudo sobre o requadro e a calha entre quadros como espaço de passagem do tempo e no artigo do Lucas (2016) sobre o uso do espaço diegético e gráfico. Ao final, constatamos que a relação da construção do tempo, do espaço e do cotidiano ocorre por uma dilatação (ou suspensão) do tempo e uma imprecisão do espaço, características que encaixamos dentro de uma perspectiva de uma obra artística contemporânea.

1

Palavras-chave: tempo; espaço; cotidiano; mangá; contemporâneo.

Abstract: The research study the relationships between the narrative categories of time and space related to everyday life in comics. Our object to achieve this goal is chapter 8 under the title "Margeando o Rio" present in the manga *The Walking Man* (2017), by mangaka Jiro Taniguchi. The relationship between time, space and daily life takes place through the main character and his relationship with the landscape and city of Tokyo. As a theoretical foundation, we will seek the concept of ordinary man in the work of Certeau (2021) and the everyday in comics with Schneider (2019). The relationship between time and space is supported by Bakhtin's (2018) narrative studies with his study on the chronotope and Genette (2017) with his concepts of frequency and speed, and the dialogue with Groensteen (2015) and his study on the frame and the gutter between frames as a space for the passage of time and in the article by Lucas (2016) on the use of diegetic and graphic space. In the end, we found that the relationship between the construction of time, space and everyday life occurs through a dilation (or suspension) of time and an imprecision of space, characteristics that we fit within the perspective of a contemporary artistic work.

Keywords: time; space; everyday life; manga; contemporary.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo nos propomos estudar a relação entre os conceitos de cotidiano e do cronotopo (tempo e espaço) na narrativa quadrinística. O nosso objeto de análise será o capítulo 8 do mangá *O homem que passeia* (2017), de Jiro Taniguchi, sob o título “Margeando o Rio”. Algumas perguntas servem de ponto de partida e direcionam o nosso olhar sobre a análise. Como Taniguchi trabalha a relação tempo-espaço nessa história? Como o cotidiano e o contemporâneo são elementos-chave para a construção dessa relação?

Buscando essas respostas, contamos como metodologia uma análise quadrinística que irá propor um estudo da construção da página, com seus enquadramentos e diálogos. Para tal, vamos contar com o suporte de Groensteen que afirma que a sequência não é determinada pelo que sucede ou precede um quadro, mas pela maneira como se determina seu arranjo global dentro da história em quadrinho (2015). Segundo Thierry Groensteen, em seu livro *O sistema dos quadrinhos*, define que o quadro, por meio da calha, é a unidade mínima de uma história em quadrinho e é justamente sua posição entre os quadros que determina as questões temporais e espaciais nas bandas desenhadas. O professor Waldomiro Vergueiro em *Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos* (2017) aponta uma série de abordagens metodológicas para se estudar a arte sequencial nas universidades. Dentre as quais, acreditamos que o que ele define como análise semiótica é o que mais se aproxima de nossa metodologia de análise junto com os conceitos de Groensteen “A análise semiótica é um método bastante complexo de interpretação de signos que é especialmente apropriada para uma manifestação gráfica sequencial como as histórias em quadrinhos.” (Vergueiro, 2017, p. 95).

Podemos então aderir como caminho de análise uma observação sobre a diagramação da página, das passagens de tempo entre as calhas e da interação do personagem com os novos signos que ele encontra em sua jornada.

Uma vez definida nossa metodologia, nossa atenção recai para o aporte teórico. Importante ressaltar que as escolhas dos conceitos trabalhados estão de acordo com o estudo proposto da área da comunicação e dos estudos narratológicos. Primeiro,

contamos com o aporte teórico de Certeau (2021) e com o artigo “Quatro abordagens do cotidiano nos quadrinhos contemporâneos” Schneider (2019). Estes dois teóricos vão fundamentar nosso conceito sobre cotidiano e como ele pode aparecer dentro das histórias em quadrinhos. Mas o cotidiano em si não aparece apenas para nós leitores, ele também é percebido pelo personagem. É justamente através de suas ações e pensamentos que vamos desbravando esse cotidiano. Para essa definição de observador, contamos com o texto de Oliveira (2020) que faz uma análise dos mangás de Jiro Taniguchi sob um ponto de vista do flâneur, com ênfase nas definições benjaminianas.

Para tratar das definições do cronotopo vamos contar com a definição de Bakhtin (2018) e Genette (2017), além de retornarmos com os conceitos de passagem de tempo nos quadrinhos por meio de suas calhas e vinhetas.

2 O OBSERVADOR E O COTIDIANO

O conceito de observador parece estar atrelado ao cotidiano. Walter Benjamin faz menção ao *flâneur*, que consideramos a figura do observador, principalmente a partir de uma sociedade considerada moderna. Benjamin em seu texto “Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo” encontrado em sua coletânea *Obras escolhidas volume III* (1989) dedica uma parte a falar sobre a figura *flâneur*, surgida ainda no século XIX com o crescimento urbano e industrial das cidades e das civilizações.

A flânerie dificilmente poderia ter-se desenvolvido em toda a plenitude se as galerias. ‘As galerias, uma nova descoberta do luxo industrial – diz um guia ilustrado de Paris de 1852 – são caminhos cobertos de vidro e revestidos de mármore, através de blocos de casas, cujos proprietários se uniram para tais especulações’ (Benjamin, 1989, p. 35).

Para o *flâneur*, sua capacidade de caminhar e de observar a cidade transforma a rua em sua moradia. Os letreiros, os muros, as bancas de jornal. Tudo nesse mundo moderno é objeto de interesse dessa figura. Benjamin identifica isso principalmente nos poemas de Charles Baudelaire, tema principal de seu texto, mas os conceitos de *flâneur* e *flânerie* não são restritos ao poeta francês. Eles se expandem ainda no século XIX principalmente no desenvolvimento e modernização da Europa. Esse comportamento

persiste e acaba sendo retomado em diversas outras oportunidades, rompendo o tempo e o espaço, para além do século XIX e Europa. É o caso, por exemplo, de nosso objeto de análise neste artigo.

A partir do conceito dado por Benjamin, podemos compreender a flânerie como – o ato de caminhar sem pressa, observando os elementos da paisagem urbana. Para o filósofo, a arte de andar pela cidade, apreender seus detalhes se constitui de um mosaico poético da urbanidade que cria laços de pertencimento entre o observador e a cidade. Por meio dessa relação de pertencimento há a apropriação do espaço pelo flâneur que descortina os segredos do espaço-lugar que percorre. (Oliveira, 2020, texto online).

Essa passagem retirada do texto “Jiro Taniguchi, um mangaká benjaminiano” permite uma atualização da figura do *flâneur* para uma realidade bem distante da Europa do século XIX. O Japão do século XX sofre um processo de urbanização tremenda, principalmente advindas das consequências da Pós-Segunda Guerra Mundial. Portanto, não é de se estranhar o surgimento da figura desse observador, principalmente no campo das artes. A constante exploração do sistema capitalista aliado com um estilo de vida pautado em ações aceleradas no dia a dia faz com que essa figura seja desenvolvida em obras que questionam justamente esse cotidiano acelerado das grandes cidades.

Oliveira (2020) faz uma análise precisa ao relacionar o flâneur benjaminiano com a obra de Taniguchi. No caso de nosso objeto, o capítulo “Margeando o Rio” presente no mangá *O homem que passeia* (2017), podemos expandir esse conceito de “descortinar os segredos do espaço-lugar” para observar se um espaço ou um lugar novo pode alterar a sua relação com o tempo. Parece-nos que o caminhar está ligado não apenas ao observar as mudanças, mas também a um ato de desbravamento. Uma tentativa de fuga do tédio, que leva o ser humano ou qualquer personagem a uma incansável jornada de observar o desconhecido, como um convite.

Michel de Certeau (2021) afirma que “O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos.” (Certeau, 2021, p. 164). Ele parte de um lugar comum que é a linguagem e passa por diversos conceitos ao longo da história, que vão desde a cultura popular e oral até o modo como vemos o tempo e o espaço nas cidades contemporâneas, entre esses dois, encaixam-se vários filósofos da linguagem e psicanálise nesta reflexão sobre o cotidiano e o ordinário. O autor ressalta isso ao longo dessa primeira parte de seu livro.

Inclusive fazendo um contraponto com os modelos de narrativa que surgem a partir do século XVIII e seguem até os dias de hoje.

Podemos então, a partir dessa amálgama de conceitos, relacionar que o ato de caminhar no mangá *O homem que passeia* (2017) está diretamente relacionado às definições de *flâneur* e *flânerie* propostos por Walter Benjamin. Certeau (2021) e Benjamin (1989) partem do ponto que esse caminhar e observar é comum dentro de um ambiente urbano, principalmente surgido com o crescimento urbano, muitas vezes sem planejamento, ao longo do século XIX.

No caso de Taniguchi, longe das expectativas que um quadrinho de ação frenética demanda, o convite está em explorar junto com o personagem o desconhecido, as possibilidades espaciais e temporais do cotidiano.

Nos quadrinhos, essa ambivalência da vida cotidiana é reconhecida em uma ampla gama de contextos. A dinâmica oscilatória que orquestra o tédio e o interesse, o maravilhoso e o ordinário, como forças complementares em vez de forças incompatíveis (...) A fim de compreender o uso da vida cotidiana nos quadrinhos, é possível atravessar esse dualismo entre o tédio e a estranheza com a velha distinção de gênero narrativo entre o leve e o pesado, o sério e o engraçado: humor e drama, essas duas grande “famílias de emoções” (Schneider, 2019, p. 60).

Schneider aponta que a narrativa ou as histórias que têm o cotidiano como elemento básico para seu desenvolvimento acabam tendo uma característica comum: o convite para explorar algo novo ou maravilhoso¹. Em seu texto, a autora ainda sugere uma distinção entre as possibilidades do cotidiano nos quadrinhos. Ela busca uma categorização, a combinação desses elementos “pode ser útil não como uma classificação estrita, mas como um grupo dinâmico de atitudes não extensivas, não excludentes e muitas vezes sobrepostas em relação ao cotidiano” (Schneider, 2019). Das quatro categorias propostas pela professora, uma em especial nos interessa que é a contemplação.

¹ Cabe ressaltar aqui que o termo Maravilhoso não está diretamente relacionado à Literatura Fantástica, proposto por Todorov; ao Conto Maravilhoso proposto por Propp ou ao movimento literário do Realismo Maravilhoso, que ocorreu na América Latina durante o século XX. O maravilhoso refere-se à sensação de conhecer algo novo, que foge aos desígnios do cotidiano. Embora nada impeça de nascer uma narrativa que rompa o cotidiano nos conceitos de Todorov, Propp e outros. É importante ressaltar que não existe uma ligação direta entre esses termos.

Do latim *templum*, a “contemplação” também está associada à meditação introspectiva, uma experiência mística que é um conceito-chave no cristianismo e no budismo. Uma vez que a contemplação está diretamente ligada ao ato de olhar – uma maneira de encarar algo incessantemente – a descrição visual se torna um processo dominante nesse tipo de história. O leitor geralmente tem acesso a um personagem principal (aquele que contempla), bem como ao objeto de contemplação – que também se torna o objeto da contemplação do leitor em dois níveis; nós não apenas compartilhamos uma visão com um personagem, mas também contemplamos os elementos estéticos do próprio desenho (Schneider, 2019, p. 67).

Não seria muito difícil relacionar a contemplação dentro das histórias em quadrinhos, categorizado pela Schneider, com os conceitos de observador e de caminhante vindo das reflexões de Benjamin (1989) e Certeau (2021). Assim, todas as características batem com nosso objeto e, além de servir como um aporte teórico para nossa análise.

Segundo Silva (2018) o cotidiano no mangá pode ser entendido a partir de dois conceitos: o *mono no aware* e o *iyashikei*, sendo o último um recorte dessa narrativa repetitiva e uma imersão no pensamento psicológico dos personagens, a exemplo do nosso objeto. No capítulo “Margeando o Rio”, o protagonista sem motivo aparente desce uma estação antes de seu trabalho e vai a pé, observando o clima agradável. Ele acaba se perdendo e encontrando um Rio desconhecido e um pescador, ele se indaga que rio era aquele e como o tempo parece passar devagar naquele ambiente.

A partir dos conceitos lançados até aqui, podemos definir (ainda que de maneira preliminar) que o cotidiano nas narrativas é resultado de um crescimento urbano desenfreado que proporcionado pelo surgimento do pensamento capitalista e que teve como estopim a Europa do século XIX. A partir daí, figuras como *flâneur* e ações como *flânerie* fazem parte dessa sociedade tida como moderna e que perdura até hoje na contemporaneidade. O cotidiano está diretamente ligado ao caminhar e ao observar principalmente espaços que antes não eram percebidos e que servem como convite para algo novo.

A fuga do tédio e o cotidiano como elemento maravilhoso para o desconhecido são características não só dos quadrinhos contemporâneos, mas de um pensamento filosófico e até religioso que perpassa o ser humano. Para nós, todo esse debate é fundamental, principalmente para adentrarmos ao próximo conceito que guia nosso

trabalho, o cronotopo. Resgatando as perguntas feitas na introdução. Como Taniguchi trabalha a relação tempo-espaço nessa história? Como o cotidiano e o contemporâneo são elementos-chave para a construção dessa relação?

3 O CRONOTOPO

O primeiro a definir o uso do termo cronotopo para o uso em obras artísticas e literárias foi o teórico Mikhail Bakhtin. Para ele, o tempo e o espaço são elementos indissociáveis de uma narrativa tida como literária.

No cronotopo artístico-literário (ou ficcional) ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história (Bakhtin, 2018, p. 12).

O autor fala de uma corporeidade do tempo e do espaço e de tornar isto artisticamente visível. Destacamos esse visível, pois ao estarmos tratando de narrativas com composição gráfico e textual, as histórias em quadrinhos, a percepção do cronotopo se faz ainda mais evidente. Apesar de se referir principalmente aos romances, podemos adequar esse conceito às narrativas que têm a imagem como seu principal signo semiótico, como as histórias em quadrinhos. Complementando temos Genette (2015), que afirma que a arte literária é essencialmente temporal, mas que o espaço está presente por meio de sua linguagem indo além da descrição geográfica da ação literária.

É precisamente este espaço, e nada mais, que chamamos por uma palavra cuja própria ambiguidade é feliz, a figura: *a figura* é simultaneamente a forma que o espaço toma e aquela que a linguagem se dá, e é o próprio símbolo da espacialidade da linguagem literária em sua relação com o sentido. (Genette, 2015, p. 49).

Ora, se tanto Bakhtin quanto Genette afirmar que o cronotopo se torna visível, então é bastante razoável utilizá-lo como fundamentação de análise quadrinística. Justamente pelas histórias em quadrinhos, bem mais visível que a literatura, trabalhar a relação imagem e texto na criação de sua linguagem. Importante pontuar que nem toda relação imagem e texto é uma história em quadrinhos, pode-se muito bem ser uma peça

publicitária, por exemplo. Ainda sobre os estudos narratológicos, Genette (2017) divide seu método em 5 categorias: ordem, duração, frequência, modo e voz. Sendo os que estão diretamente envolvidos na questão tempo-espacial a ordem, duração e frequência. Com a ordem como a categoria responsável pela ordenação diegética dos acontecimentos dentro da obra; a duração quanto tempo cada segmento da narrativa dura; e por fim a frequência que seria a repetição dessas ações.

E como acontece a relação do tempo e do espaço nos quadrinhos? Will Eisner (2010) fala sobre enquadrar o tempo e o espaço. Já McCloud (2005) indica que cada moldura do quadrinho é um pedaço de tempo e de espaço e que entre os quadros a ação acontece na imaginação do leitor. Os dois autores estão, em alguma instância, corretos, embora a discussão sobre o tema seja bem mais profunda.

O primeiro ponto para entendimento dessa divisão é trazer o conceito de quadro. Segundo Groensteen (2015), o quadro é o elemento mínimo de uma história em quadrinhos. Portanto é a partir da disposição de um quadro próximo a outro, separados pela calha (também conhecido como sarjeta em alguns manuais), que acontece essa passagem de tempo e de espaço.

Em seu *Sistema de Quadrinhos*, Groensteen (2015) aponta um caminho ao definir o sistema espaçotópico, ao falar de forma, área e posição do quadro, principalmente na hora de composição da página. Até porque “a posição do quadro define sua ordem de leitura” (Groensteen, 2015, p. 45). Outro ponto de destaque na leitura que Groensteen traz é as seis funções do requadro. Essas funções são formas que o autor encontrou na qual exercem efeito sobre o quadro. São elas: função de fechamento, de separação, de ritmo, de estrutura, de expressão e de indicador de leitura. Dessas seis, as que mais interessam para nossa pesquisa são de fechamento, de separação, de ritmo e de estrutura. A de fechamento, pois o requadro nos quadrinhos é diferente do cinema, uma vez que fechar um quadro não é necessariamente encerrar o desenho. A função da separação é fundamental para a compreensão da história, pois o entre quadros permite ao leitor uma respiração e completude de signos, “O requadro, nesse sentido, desempenha um papel análogo aos signos de pontuação (incluindo o símbolo elementar que é o branco que separa duas palavras)” (Groensteen, 2015, p. 53). A função do ritmo surge a partir do conceito de decupagem, em como os quadros se

dispõem para contar a história, bem próximo ao conceito cinematográfico de decupagem. Groensteen inclusive faz uma citação a Godard em relação a isso, mas ele alerta para certos modismos em como “estabelecer correspondência automática entre a forma ou dimensão do requadro e a suposta duração da ação que ele contém” (Groensteen, 2015, p. 55). Por fim, temos a função da estrutura, na qual o autor reafirma a importância da estrutura dos quadros, pois eles não se apresentam sozinhos e sim em sequência e, portanto, narrativo.

4 MARGEANDO O RIO

Em *O homem que passeia*, de Jiro Taniguchi (2017), temos um compêndio de histórias sobre o cotidiano de um homem japonês. Embora dividida em capítulos, ela pode ser lida na ordem que se quiser. O capítulo 8 sob o título de “Margeando o Rio” é o objeto de análise deste artigo. Sua sinopse é bem simples. Um dia, sem motivo, o homem desce uma estação de metrô antes do seu escritório e resolve ir pelo resto do caminho a pé. Por ser um local novo, ele acaba se perdendo e achando um rio que ele nem sabia que existia.

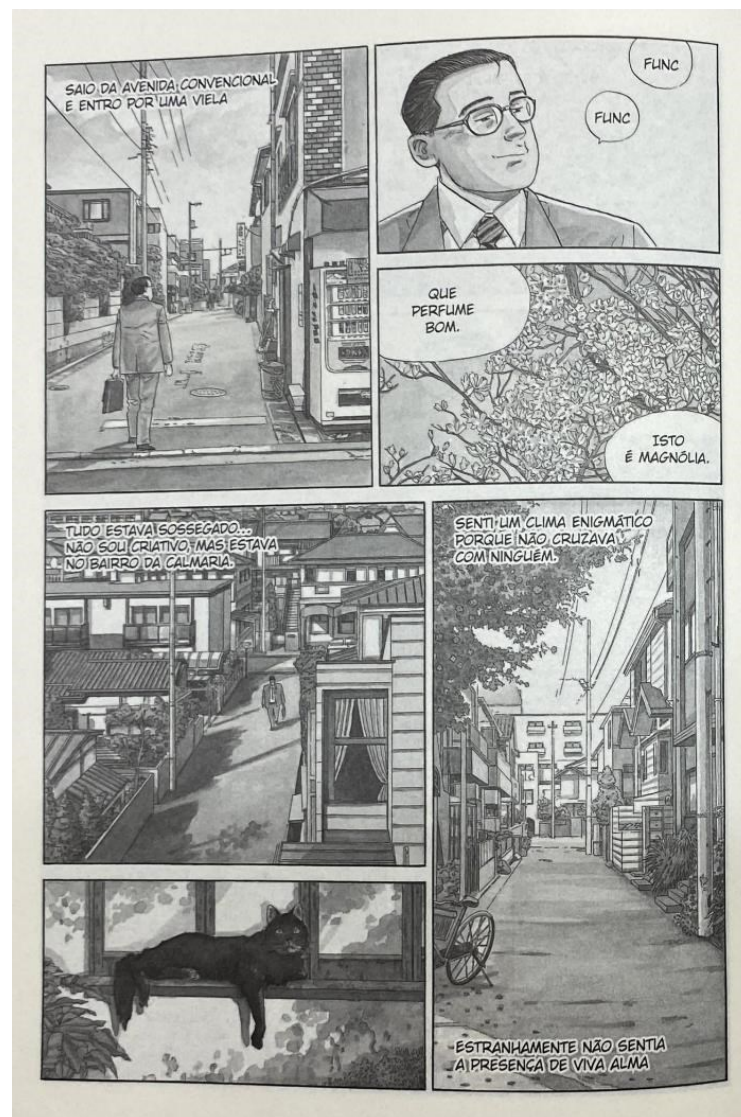
9

Ele segue caminhando por sua margem e encontra um pescador. Eles conversam brevemente e o homem segue seu caminho. Observa a paisagem e a contempla. Esta é uma sinopse deste capítulo. Nessas breves palavras já é possível observar algumas características do foi debatido até o momento. Por questões de análise, optamos por trazer apenas algumas páginas que consideramos imprescindíveis para o artigo.

A partir da sinopse já temos alguns conceitos explorados por Schneider (2019) com a categoria de contemplação e Silva (2018) com o conceito de *iyashikei*. O personagem entra numa introspecção e começa a ter uma divagação do pensamento por meio do recordatório. Ele observa, contempla e narra para o público o motivo ou a falta dele e sua consequência por ter descido uma parada antes do escritório. Um convite ao maravilhoso por meio de uma atitude que atravessa esse personagem e nos convida a seguir sua história. Para onde esse personagem irá? Até então, o espaço e o tempo narrativo seguem dentro de um padrão.

Nas páginas seguintes ele segue pelo bairro contemplando o clima, a rua e as pessoas. Culpando a primavera por ser um dia tão calmo e agradável. Consideramos o principal ponto de virada a figura 1. Nela, por meio da onomatopeia de cheiro, o protagonista fala pela primeira vez. Exaltando o cheiro da flor e tendo sua atenção chamada para uma viela perpendicular à rua principal. Voltamos a ter acesso aos pensamentos do personagem que narra e descreve para gente o que ele vê. Estamos neste momento sendo guiados pelos sentidos do protagonista: olfato, visão, tato e audição.

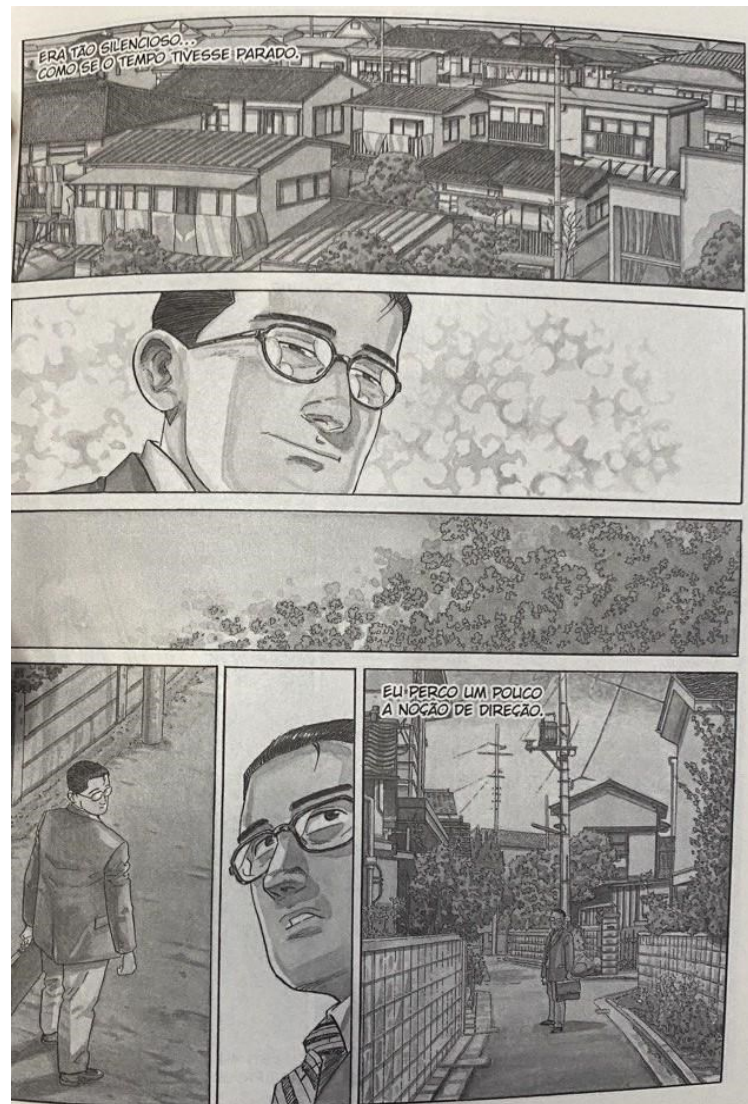
Figura 1 – Homem se perdendo pela rua



Fonte: (Taniguchi, 2017, p. 81).

Ao observarmos a disposição dos quadros na página, os conceitos estabelecidos nos tópicos anteriores já aparecem de forma mais visível para nós. O primeiro é o próprio *flâneur* e *flânerie* que são representados pelo caminhar desse homem por um espaço urbano desconhecido e sua capacidade de observação e contemplação, que segundo Schneider (2019) é uma das categorias presentes no quadrinho contemporâneo. Ao se perder em seus pensamentos o *iyashikei* se mostra presente pelo forte teor psicológico e divagação localizados nos recordatórios que dão ao leitor acesso aos pensamentos do personagem.

Figura 2 – Homem se perdendo pela rua



Fonte: (Taniguchi, 2017, p. 82).

Quando observarmos os quadros e calhas entre eles, podemos já perceber a relação cronotópica existente no mangá. O requadro e a escolha de diagramação de Taniguchi remontam ao que Groensteen (2015) chama de separação ditando a pontuação e o ritmo de leitura. E é a partir desse momento em que começa a ter a mudança espaço-tempo. Agora, na figura 2, mais que nunca o cronotopo passa a “torna-se artisticamente visível” Bakhtin (2018, p. 12). O próprio protagonista faz isso por meio de seu pensamento, como se o tempo tivesse parado. Ele observa novamente o seu redor e parece ser guiado mais uma vez pelas flores até se perder no espaço.

Novamente na figura 2, alguns conceitos apontados por Groensteen se fazem presentes. O primeiro ponto a se notar é a quantidade de quadro, 6 no total, 3 na horizontal e 3 na vertical. Os quadros horizontais divididos pela calha reforçam a sensação do protagonista de tempo parado. O fechamento de cada quadro não encerra o momento, poderíamos dizer que seria como se o tempo estivesse preso. Ao mudar o formato do enquadramento para vertical, o protagonista também se manifesta “eu perco um pouco a noção da direção”, temos a retomada da sensação do tempo, como se essa mudança de formato gráfico servisse para tirar o personagem do transe que ele se perdeu ao observar demais. Inclusive o espaço diegético tanto na figura 1 quanto na figura 2 fazem parecer que o personagem está em um labirinto, onde o tempo e o espaço sofrem uma distorção. Logo após retomar a consciência e se manifestar, o protagonista continua seguindo seu caminho até encontrar um rio. A paisagem que antes estava em quadros mais fechados se abre. O espaço toma conta da página. O rio cristalino e cheio de pedrinhas é estranho ao homem. Ele mesmo se questiona como poderia existir um rio ali? A história já tinha sido convidativa ao apresentar um personagem curioso em meio a um bairro desconhecido, agora toma uma dimensão quase fantasiosa. O próprio signo do rio é recorrente em obras literárias cercadas de uma narrativa fantástica, o rio Estige, por exemplo, na mitologia grega. Também é notório o caráter fértil dos solos ao redor dos córregos, a exemplo do surgimento de grandes civilizações às suas margens, como a Mesopotâmia e o Egito nas antigas civilizações. Existe toda uma carga semiótica quando se trata do rio nas narrativas e na história.

Ao caminhar pela margem do rio e contemplar o espaço, o homem percebe que algumas coisas não fazem sentido, como a água residual domiciliar desembocar e não ter um mau cheiro. Ele segue caminhando pela margem um pescador figura 3. A partir desse encontro acontece o primeiro diálogo do capítulo. O protagonista pergunta como ele consegue pescar ali. E em um tom poético, ele responde que ele apenas gosta de pescar, e que num dia como aquele, ele finge estar pescando.

Figura 3 – Conversa com o pescador



Fonte: (Taniguchi, 2017, p. 86).

Podemos perceber pela diagramação e decupagem espacial da página a passagem de tempo entre. Hipoteticamente temos, como leitor, a sensação de dois tempos e dois. Seja um tempo-espaço cronológico real (ou seja, a passagem de minutos)

ou um cronotopo introspectivo sensorial. Essa suposição parte de dois momentos: 1) finalmente o protagonista falando com outra pessoa sem ser ele em um dia fora do comum; 2) o fato de entre os quadros que possuem o diálogo aparecem duas crianças pulando entre as pedras do rio, sendo que em nenhum momento antes no capítulo elas tinham aparecido.

É como se existisse ali uma projeção temporal e espacial do protagonista, reativando alguma memória ou talvez uma introspecção. Claro, que de fato poderiam estar ali duas crianças a pular pelo córrego, mas como Taniguchi trabalha questões de uma narrativa mais introspectiva ou *iyashikei* como afirma Silva (2018), é mais provável que seja uma questão de imagem poética. Podemos inclusive questionar a existência do pescador nessa história, já que ele reforça o sentimento trazido pelo protagonista nas páginas anteriores, como o fato de ser um belo dia e estar um clima agradável.

A página dupla que encerra o capítulo, nela o homem volta a caminhar e seus pensamentos voltam a ser descritos por meio de recordatórios. Os quadros vão alternando até os três últimos que vão aumentando em relação ao espaço da página. Novamente somos jogados ao pensamento do protagonista que mais uma vez afirma que sente um ar diferente neste rio e que como se o tempo passasse mais devagar. Os últimos quadros reforçam essa passagem de tempo mais lenta, quando temos um espaço maior e menos quadros. Em um quadrinho de ação ou fantasia, essa passagem de quadros poderia significar um tempo mais rápido por conta do dinamismo das cenas. Só que aqui, parece de fato que o tempo dilatado acompanha o quadro maior. Podemos perceber isso pelos pássaros que passam atrás do protagonista e aparecem distantes no quadro final, quanto pela ponte que aparece desenhada a sua frente no primeiro quadro e as suas costas no final.

Toda essa interpretação pode ter um caráter dualista, mas tendo como base o pensamento do personagem e os conceitos trabalhados na fundamentação, parece de fato que o tempo e o espaço se comportam de maneira diferentes quando o personagem aparece em um momento de contemplação e introspecção. No fim, o capítulo 8 pode ser resumido como uma fuga do cotidiano, da realidade. Algo que talvez todos nós precisemos no nosso cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retornarmos as perguntas feitas na introdução, podemos já respondê-las. Taniguchi opta por trabalhar o tempo e o espaço de forma poética, deixando isso claro em diversos momentos, seja pela sua arte ou pelo pensamento do personagem. A sensação de estar perdido, quase em um labirinto, e sair perto de um rio misterioso contribuem para isso. Conforme passamos as páginas, percebemos uma estranheza junto com o personagem. A construção de confusão do protagonista, que acompanha parte dos leitores, tem relação em como Taniguchi vincula seus quadros desenhados, justamente validando essa sensação de dilatação do tempo e de uma perda espacial. Como se o protagonista entrasse em uma outra dimensão por meio do cotidiano. Essa percepção se dá justamente por meio da junção dos estudos de tempo e de espaços dentro da obra do mangaká.

As calhas entre os requadros e as ações do personagem reforçam o aspecto da dilatação temporal e da transposição do espaço. Esta conclusão é perceptível pela análise das figuras 1, 2 e 3. A relação que o protagonista desenvolve com seu ambiente e com a pessoa com quem interage também reforçam esta definição.

Percebemos como os elementos do quadrinho contemporâneo e os debates propostos por meio da reflexão teórica acabam por responder nossas perguntas iniciais. Além disso, se abre uma possibilidade de aprofundamento dos estudos de linguagem e das relações narratológicas do *cronotopo*, com uma reflexão e análise de uma obra oriental, contribuindo essencialmente não apenas para os estudos relacionados a histórias em quadrinhos e narrativas, mas para a própria área da comunicação e dos estudos em arte sequencial.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: volume III**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- GENETTE, G. **Figuras III**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2017.
- GROENSTEEN, T. **O sistema dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Marsupial, 2015.
- LUCAS, R. J. L. O espaço nos quadrinhos: entre as formas diegética e gráfica. **Ciberlegenda**. Rio de Janeiro: UFF. Online, v. 1, n.34, p. 58-75, 2016. Disponível em: O espaço nos quadrinhos: entre as formas diegética e gráfica | C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual (uff.br). Acesso em: 18 maio. 2023.
- OLIVEIRA, I. **Jiro Taniguchi, um mangaká benjaminiano**. 2020. Disponível em: <https://www.literaturabr.com/2020/04/13/jiro-taniguchi-um-mangaka-benjaminiano/>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- SCHNEIDER, G. Quatro abordagens do cotidiano nos quadrinhos contemporâneos. **Artcultura**, [S. l.], v. 21, n. 39, p. 57–69, 2019. Disponível em: Quatro abordagens do cotidiano nos quadrinhos contemporâneos | ArtCultura (ufu.br). Acesso em: 18 maio. 2023.
- SILVA, M. X. Vida cotidiana nos quadrinhos japoneses. *In*: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2018, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: USP, 2018. v. 5. Disponível em: https://jornadas.eca.usp.br/anais/5asjornadas/artigos.php?artigo=q_linguagem/mauricio_silva.pdf&jornada=5. Acesso em: 18 maio 2023.
- TANIGUCHI, J. **O homem que passeia**. São Paulo: Devir, 2017.
- VERGUEIRO, W. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.

SOBRE O AUTOR

Thiago Henrique Gonçalves Alves

Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (PPGCOM UFC). Integrante do Grupo de Pesquisa Oficina Invisível de Investigação em Quadrinhos (OIIQ) e do Paralaxe: Grupo de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4859655986973624>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6406-8392>

E-mail: thiagohgalves@alu.ufc.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ALVES, Thiago Henrique Gonçalves. Cotidiano, tempo e espaço em "Margeando o Rio" de Jiro Taniguchi. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 15, p. 1-17, 2024.

RECEBIDO EM: 18/08/2023

ACEITO EM: 21/06/2024

PUBLICADO EM: 21/06/2024

17



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional